

Cerâmica e animais: representações zoomórficas em *terra sigillata* hispânica

Macarena Bustamante Álvarez* | mbustamante@ugr.es

Cleia Detry** | cdetry@gmail.com

* Universidad de Granada. Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

** Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

As autoras escrevem segundo o Acordo Ortográfico de 1945

Resumo

Este artigo apresenta uma primeira aproximação das representações de animais presentes nas decorações de um tipo específico de cerâmica de elevada qualidade, muito comum no Período Romano da Península Ibérica — a *terra sigillata* hispânica — provenientes de alguns centros de produção.

Os animais identificados nestas cerâmicas são sobretudo mamíferos e aves, alguns são domésticos mas a grande maioria trata-se de animais selvagens ou mesmo não autóctones, demonstrando que estas imagens visam focar animais que fazem parte do quotidiano e também do imaginário mágico-religioso dos romanos.

Abstract

This article analyzes the animal representations present in a specific type of ceramics, very common in the Iberian Roman period — Hispanian Samian ware — which comes from different workshops.

The animals identified in these ceramics were mainly mammals and birds, some are domestic animals but most of them are wild animals and in some cases non autochthonous, showing that these images intend to focus on animals that are part of the daily and also of the magic and religious imaginary of the Romans.

Introdução

Apresentamos uma primeira aproximação às figuras zoomórficas representadas sobre uma das categorias cerâmicas mais amplamente consumida na Península Ibérica e que é conhecida como *terra sigillata* hispânica (Mezquíriz, 1961). Este trabalho tem como objetivo propor um método de estudo que sirva de base para a futura realização de uma pesquisa mais aprofundada.

Este tipo de cerâmica conta com inúmeras representações de motivos zoomorfos que ainda não foram, até ao momento, analisadas do ponto de vista do cruzamento de informações entre a arqueofauna e a iconografia. A ampla variedade de animais representados permite conhecer dados interessantes sobre o paleo-ambiente da época, a idiosincrasia do Romano perante os animais e, inclusive, a importação de animais de outros pontos do Império¹.

Da mesma forma, há a desvantagem de serem representações de formato muito pequeno, dificultando assim a avaliação de características morfológicas que nos permitam uma identificação geral.

Estas imagens serão comparadas com o registo arqueológico dos locais em que foram encontrados. *A priori*, esta colecção iconográfica não representa os animais mais consumidos na paleodieta hispano-romana. Uma forte carga mágica e simbólica parece ser a grande motivação para a representação destes animais.

Também valorizaremos a iconografia dos principais animais representados em outros meios de suporte, a fim de verificar se há traços comuns ou se o fenómeno capturado na TSH é pontual e relacionado com uma prática particular das cerâmicas sobre as quais estão posicionados.

Para apresentar esta primeira aproximação iremos basear-nos nos *corpora* de representações publicado por Mezquíriz (1961) e Mayet (1984). Entendemos que são os mais completos até hoje e nos permitem fazer este tipo de reflexões. Porém, o único dado estatístico que podemos apresentar é a percentagem de motivos representados nessas publicações uma vez que outras variáveis não seriam adequadas em um estudo generalista como este. Especificamente, dos 2517 motivos individualizados (Mayet 1984, pl. CXXV–CCII), 29% representam animais. Destas representações, 48% são aves, 24% leporídeos, 14% cervídeos, 13% ictiofauna, 4,2% felídeos, 3,6% equídeos, 1,6% suídeos e 0,6% touros. Estas percentagens ajudam a formar uma percepção, ainda que generalista, da quantificação na representação.

Objecto de estudo: a *sigillata* hispânica

Como foi já referido, uma das mais importantes categorias de cerâmica produzidas e consumidas na Península Ibérica foi a *sigillata*. Com este termo de origem latina referimo-nos a um tipo de pastas cerâmicas com uma gama cromática variada, entre o castanho chocolate e o rosa, aparecendo revestida com um acabamento sinterizado de cor avermelhada, tendo sido produzidas na Península Ibérica por mais de quatro séculos. Além disso, em muitas ocasiões, pode aparecer decorada com motivos obtidos com molde ou com *sigilla*/selos que permitem saber qual o nome e condição do *figulus*/oleiro que as produziu.

A importância deste tipo de cerâmica advém de múltiplos factores. Em primeiro lugar, porque é a primeira produção de cerâmica relevante a ser importada para outras partes do Império. Em segundo

¹ Para a realização deste trabalho, utilizamos as figuras publicadas por Mezquíriz (1961) e Mayet (1984). Uma vez verificada a metodologia do estudo em ambas as investigações, futuramente, será feita uma tentativa de aplicá-la a outras publicações. Da mesma forma, desta vez tentaremos abordar o fenómeno de uma forma geral. Só num segundo momento se tentará falar de variantes regionais específicas.

lugar, devido à grande aceitação desta categoria de cerâmica e com um intervalo cronológico de utilização desde o final do século I a.C. até ao final da Antiguidade Tardia com uma fase de declínio em que entra em confronto comercial com as *sigillatas* africanas. Em terceiro lugar, devido às grandes quantidades desta cerâmica que se encontram hoje no solo Peninsular, bem como em outras partes do Império. Mas, acima de tudo, com respeito a este estudo, um dos aspectos mais importantes é o evidenciar de um registo iconográfico muito interessante que permite avaliar factores de variada índole – social, económica, biológica ou mesmo religiosa. No entanto, apesar da riqueza dos ornamentos que estas cerâmicas apresentam, cujo elenco excede, de longe, os mais de 5000 motivos, estes não foram objecto de um estudo abrangente de natureza iconográfica. Isto não exclui que tenham sido realizados estudos iconográficos muito pontuais, caso das cerâmicas de *Isturgi* (Roca, 1976, ou, mais recentemente Fernández García, ed., 2013), *Tritium Magallum* (Garabito, 1978) ou ainda sobre um tipo de representação concreta, como as divindades (Elvira, 1981; Rodríguez & *alii*, 2014a; 2014b). No entanto, aspectos de interesse, como a Paleo-Economia ou intimamente ligadas com esta, como a Paleobiologia, não foram tratados, apesar dos resultados valiosos com que poderiam contribuir.

No caso da *Hispania*, existem dois grandes focos produtores *Isturgi* na Bética (Fernández García, ed., 2013), que contava ainda com algumas oficinas satélites localizados na região de Málaga ou Granada e *Tritium Magallum* a norte (Garabito, 1978). No essencial serão as representações iconográficas destes dois centros de produção que iremos aqui analisar. Esta delimitação pretende associar a sua origem a um contexto paleo-ambiental particular.

Face a este problema, sentimos que seria de interesse incluir biólogos na análise, o que nos permitem obter mais conteúdo sobre estas representações. A identificação das espécies, a exportação de animais ou simplesmente a percepção desses animais dentro da cosmogonia e idiosincrasia romana, foram dados ignorados até agora.

Para além da análise paleobiológica concreta das espécies resta-nos um ponto que dificilmente pode ser resolvido por nós. Qual é a motivação pela qual se plasma um motivo ou outro. Para alguns autores como Beazley dependeria “the artist mood at the moment” (Beazley, 1944, p. 33), no entanto, acreditamos que a razão pela qual um indivíduo opta por uma ou outra figura vai para além do seu estado emocional. Da mesma forma, teríamos de considerar um factor exógeno ao indivíduo, quais seriam os gostos e modas da época que forçariam a compra ou não, de um tipo de cerâmica particular. Neste sentido os pedidos ou ordens de determinados consumidores seria outra variável a valorizar, embora alguns autores sugerem que as peças de formato e composição semelhantes, como seria o caso das lucernas, visam as classes média e baixa, dando a entender que o nível da procura e da qualidade exigida por estes iria debilitar este tipo de representações (Morillo, 1999, p. 164).

No entanto, e deixando de lado a motivação, interessa-nos avaliar como essas representações vêm plasmadas e, se possível, a existência de modelos de referência. Assim sendo, acreditamos que existem distintas hipóteses que poderiam fornecer uma solução para esta pergunta:

- Em primeiro lugar, a representação de elementos comuns e da vida quotidiana do indivíduo. Ou seja, representações zoomórficas e fitomórficas da sua vida diária. Neste caso, os modelos podem ter sido encontrados nas proximidades.
- Em segundo lugar, a inscrição de cenas narrativas inseridas na idiosincrasia romana do momento. Quer dizer, iremos concentrar-nos em episódios de foro mitológico. Neste caso, além de poderem utilizar como modelos alguns cenários, animais ou pessoas de seu círculo mais próximo,

teriam que contribuir com uma grande componente de criatividade para determinados motivos ou representações.

- Em terceiro lugar, a representação da percepção individual de animais, pessoas ou coisas com as quais, com certeza, não teriam tido qualquer contacto directo ou se tivesse havido, teria sido muito esporádico, sobretudo no caso de animais selvagens.

Podemos dizer que estes três registos decorativos possuem uma ampla presença de representações zoomórficas. Obviamente, nos dois primeiros o facto de poderem contar com modelos que estão próximos fisicamente faz com que se tratem sobretudo de animais comumente consumidos. No entanto, a desvantagem aquando da realização de percepções biológicas são encontradas no terceiro ponto, quando os animais alóctones em que, por conseguinte, o conhecimento físico do mesmo é muito parcial e possivelmente enganador. Mas poderíamos perguntar qual seria a via para a percepção desses motivos? Embora, se usarmos a lógica actual, a presença de modelos noutros suportes seria a via mais provável de chegada — como os mosaicos, relevos, pintura mural, entre outras — também entraria em jogo o ideário comum, narrado e transmitido oralmente. A hipótese de usar como modelos outras representações artísticas, não faz sentido para alguns autores (e.g., Morillo, 1992, p. 110), devido ao baixo estatuto social e, associado a isso, ao contacto pontual que estes indivíduos teriam com essas obras de arte. Indo mais além, existem teorias que tentam apontar para a possibilidade de existirem catálogos de esboços que estariam disponíveis para o artesão conceber tais representações (Vegas, 1966, p. 83). No entanto, quanto a esta hipótese de trabalho, existem actualmente poucos dados fiáveis. Neste quadro, o ser humano sentiu necessidade, de maneira inerente à sua existência, de representar animais que lhe geravam fascínio. Assim, as pinturas de animais em Altamira podem ser um exemplo claro em que um indivíduo, com um contacto esporádico com os animais que captura nas suas representações zoomórficas.

Muitas vezes somos incapazes de fazer abstracções de comportamentos e situações sociopolíticas actuais ao realizar análises de âmbito funcional ou iconográfico. Neste sentido, as representações da fauna que serão estudadas nas páginas seguintes são comuns em repertórios decorativos de muitas categorias de cerâmica (figuras gregas pintadas...). Mas, apesar de estas representações poderem esconder símbolos representativos das idiossincrasias do momento, não se prestou qualquer atenção a estes factores. Perante isto, recentes actualizações do *Corpus Vasorum Antiquorum* começam a ter em conta este tipo de aspectos, iniciando-se uma linha de trabalho até agora subestimada. Situação diferente encontramos nas lucernas, onde houve estudos mais amplos que se focaram no seu adorno e significado desde há muito (Deonna, 1927).

Talvez um dos únicos trabalhos que aprofunda este ponto no plano das *sigillatas* corresponde ao publicado por uma das signatárias (Bustamante, 2010), que trata, de maneira muito pontual e específica as representações ictiológicas nas *sigillatas* alto-imperiais, e que, posteriormente, serão objecto de estudo. De maneira muito mais analítica e sem qualquer avaliação de âmbito histórico, temos um estudo recente de materiais procedentes de León (Rodríguez & *alii*, 2014a; 2014b). Esta primeira abordagem é de interesse vital e sofre de uma carga de interpretação, fruto das peças fragmentárias.

Apesar da negação desta temática, um dos elementos que caracterizam o discurso decorativo

destas representações na *sigillata* é que costuma evitar o cenário em que se representam essas figuras. Isso produz a abstracção do meio, a fim de dar maior ênfase aos motivos representados.

Em relação à análise tipológica de formas que recebem estas representações, podemos dizer que não há cerâmicas em que existem motivos específicos para determinada forma. Esta ausência de motivos monopolizados por determinadas formas torna muito difícil propor possíveis adscrições tipológicas. Por isso, é interessante observar que todas as formas decoradas do repertório hispânico podem ter representações zoomórficas. Neste sentido, desde os recipientes fechados — caso das Hisp. 1, 2, 13 ou 20 —, os recipientes destinados à preparação de alimentos — como as Hisp. 31 e 40 —, ou as taças destinadas a ingerir produtos líquidos — Hisp. 29, 30 ou 37, entre outros — apresentam esta decoração. Evidentemente, a maioria das representações provêm de taças Hisp. 37, já que são aqueles que se prolongaram mais no tempo, pelo que a sua presença é mais ampla.

Representações de mamíferos

As espécies mais representadas na *terra sigillata* hispânica pertencem na sua maioria à classe dos mamíferos, incluindo mamíferos domésticos, selvagens e espécies não europeias.

As espécies mais observadas neste contexto não são, curiosamente, as mais frequentes no registo zoo-arqueológico, normalmente dominado pelas espécies domésticas como a vaca, porco, ovelha e cabra. De facto, há uma prevalência de cenas de caça bem como de espécies mais raras, não autóctones e raramente observadas em contexto europeu no Período Romano, como é o caso do leão (*Panthera leo*).

Os registos conhecidos de restos de fauna do mesmo período de produção de *sigillata* na Península Ibérica demonstram em alguns sítios a prevalência do gado bovino (e.g., Conímbriga — Detry, Cardoso & Correia, 2014; Norte de Espanha — Fernández Rodríguez, 2003; Mérida — Detry & Heras, em preparação). Noutros locais são mais frequentes os pequenos, como a ovelha e cabra (e.g. Alcáçova de Santarém — Davis, 2006; Monte Molião — Detry & Arruda, 2013; Costa Oriental da Península Ibérica — Colominas, 2013). O porco, por outro lado, é consumido sobretudo em contextos onde que é necessária a produção abundante de carne, como sítios militares ou de permanência menos contínua como por vezes sítios industriais (e.g., Casa do Governador, Lisboa, fábrica de preparados de peixe — Valenzuela, 2014).

Uma das espécies mais frequentes nas representações de animais em análise neste artigo é precisamente o gado bovino. Este terá tido uma grande importância na expansão do Império Romano, na medida em que, para o grande aumento de pessoas vindas de fora e criação de novas cidades, seriam necessárias fontes de alimentação vegetal e animal mais abundantes. Assim, esta espécie teria não só produzido maior quantidade de carne, por ser de maior porte, como seria necessária para o transporte de bens e na ajuda a arar os campos. As imagens de gado bovino são bastante claras e focam sobretudo a cabeça (Fig. 1.1). A presença de representações com animais de chifre curto poderiam apontar para a prevalência das raças semelhantes às minhotas, do Norte de Portugal, que possuem chifres mais pequenos, sendo raças muito adaptadas ao trabalho no campo. No entanto, é muito provável que os chifres curtos se devam a limitações no espaço do próprio suporte, sendo por si só também imagens muito estilizadas e não necessariamente muito fiéis a pormenores anatómicos.

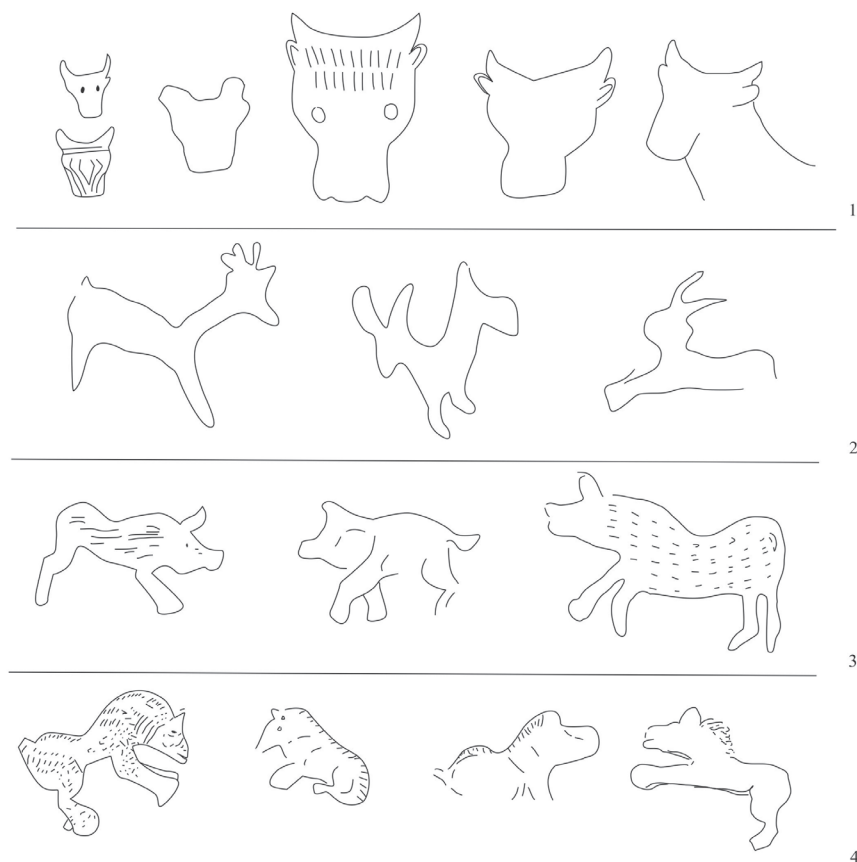


Fig. 1 – Representações de mamíferos domésticos, nomeadamente Bovídeos, Súideos e Equídeos.
Adaptado a partir de desenhos de Mezquíriz (1961) e Mayet (1984).

Uma pequena percentagem de todos os animais representados são cabras, muito provavelmente domésticas. Nenhuma das representações de cabra aparece numa cena de caça, como acontece com as espécies selvagens observadas neste tipo de *terra sigillata* (alguns exemplos na Fig. 1.2).

Curiosamente, a ovelha é extremamente rara nestas representações, embora das espécies mais frequentes no contexto zoo-arqueológico da Península Ibérica (Monte Molião — Detry & Arruda, 2013; Mesas do Castelinho — Valenzuela & Fabião, 2012; Davis, 2006 — Alcáçova de Santarém; Norte de Espanha — Fernández Rodríguez, 2003). Outro grupo observado são os súideos (*Sus domesticus* ou *Sus scrofa*), representado num número relevante das cerâmicas aqui analisadas, o porco pode ser frequente sobretudo em sítios de menor investimento a longo termo mas em que é necessário alimentar grande número de pessoas. A sua conhecida elevada taxa de reprodução e o facto de produzir apenas carne torna-a sobretudo útil para a dieta humana.

O javali, ancestral selvagem do porco, é ainda hoje frequente na Península Ibérica. Nas representações, pela sua simplicidade, não é possível perceber se se trata da espécie selvagem ou doméstica. Muitas vezes, os animais aparecem desenhados com o pêlo característico do javali. No entanto, espécies autóctones e ancestrais, como o porco preto, também podem ser assim representadas. A forma mais estreita destes desenhos pode apontar também para o javali (Fig. 1.3). Em alguns, poucos, casos, os animais aparecem integrados em cenas de caça, o que permite esclarecer que se trata de facto de javali. Nos restantes, em que aparecem isolados, não se consegue distinguir.

Entre as espécies domésticas, consta ainda o cavalo, bastante frequente nestas imagens mas que raramente se encontra entre os restos de consumo. Este animal aparece normalmente isolado e raramente com homens a montar (Fig. 1.4).

Uma das representações mais frequentes, e que termina com o bloco das espécies domésticas, é a dos cães. Com uma típica forma esguia, parecem estar a correr isolados (Fig. 2.1) ou em contexto de caça (Fig. 2.3, 2.4, 2.5). Em alguns casos são muito semelhantes a coelhos mas a cauda comprida denuncia o facto de se tratar de cão. As orelhas curtas e o focinho por vezes também mais curto caracterizam estes animais. Tendo sido comprovada a variação de tamanhos entre estes animais durante período romano na Península Ibérica (Colominas, 2015), essa variedade não parece tão óbvia nestes desenhos já que a diversidade de tamanho é muito difícil de verificar sobretudo se eles aparecem isolados. A diferença de formas dará algumas indicações mas poderá também ser fruto do acaso ou das limitações do artista, do espaço disponível ou do tipo de suporte.

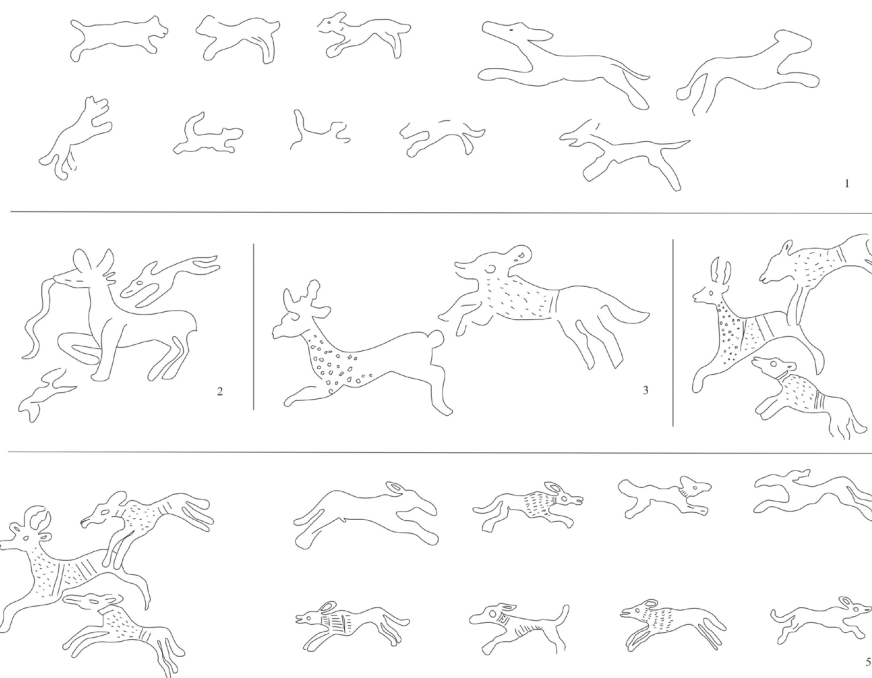


Fig. 2 – Imagens de cães isolados, de várias formas e tamanho, e integrados em cenas de caça com cervídeos. Adaptado a partir de desenhos de Mezquíriz (1961) e Mayet (1984).

Por exemplo, os exemplares representados nas estampas 647 e 651 de Mayet (1984) (Fig. 2.1 do lado esquerdo) parecem animais mais pequenos, de patas mais curtas, porventura serão animais de companhia. Na Fig. 2.5 têm as patas mais compridas com uma morfologia típica dos cães de caça.

Outra componente importante destas representações é os animais selvagens, constituindo cerca de metade das amostras da *terra sigillata* descritas por Mayet (1984) e Mezquíriz (1961). As espécies selvagens têm assim uma presença muito relevante, quase mais frequente que a das espécies domésticas. Na grande maioria das amostras zoo-arqueológica referentes ao Período Romano as espécies selvagens apresentam percentagens muito reduzidas, mostrando assim que, quanto ao consumo diário, estas não dariam o contributo mais relevante. Em alguns sítios, de ocupação menos permanente (talvez sazonal),

o veado pode ser bastante abundante, tal como é o caso dos complexos industriais de preparados de peixe como a Ilha do Pessegueiro (Cardoso, 1993) e do Creiro (Detry & Silva, 2016) nas suas fases iniciais de ocupação. A prevalência de espécies selvagens nestas imagens deve-se, assim, não tanto à sua importância na dieta mas a uma simbologia muito própria.

O veado é dos animais mais representados, sobretudo os machos, que aparecem exibindo as suas hastes (Fig. 3.1). Estas são normalmente representadas de forma muito compacta e estilizada, provavelmente por falta de espaço no suporte. É possível que em alguns casos se trate de gamo, uma vez que este possui uma haste com uma base alargada de onde se estendem pequenas pontas. Nestas imagens, por vezes não se percebe quão larga é a base, e as pontas aparecem bastante curtas. O gamo terá sido reintroduzido no Período Romano precisamente para ser caçado, já que teria ficado extinto desde o fim do Plistocénico (Davis, 2005). As representações são bastante homogêneas. Nos cervídeos observados, apesar de a base ser compacta e as pontas curtas, estas aparecem consistentemente mostradas de forma individual, aproximando-se do veado (*Cervus elaphus*), que é espécie de cervídeo mais comum na Península Ibérica². A caça deste animal deveria ter uma grande importância. Muitas vezes, as hastes eram guardadas como troféus e também usadas como material para utensílios, dada a sua maleabilidade.

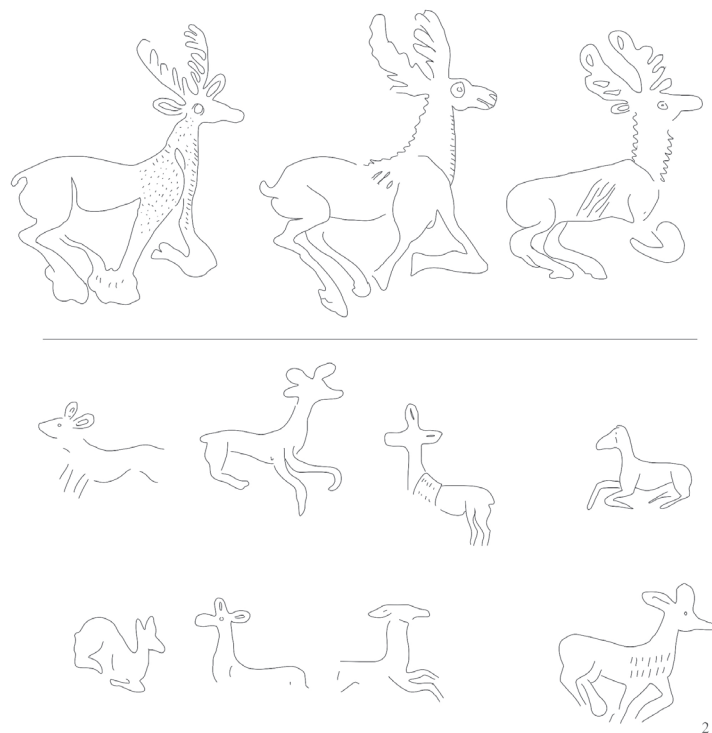


Fig. 3 – Representações de cervídeos (machos e fêmeas) presentes em cerâmicas do tipo *terra sigillata* hispânica. Adaptado a partir de desenhos de Mezquíriz (1961) e Mayet (1984).

Temos igualmente imagens de fêmeas de veado (Fig. 3.2). Esta espécie seria provavelmente abundante durante o Período Romano, quando muitas florestas, sobretudo no interior da Península, estariam ainda bem preservadas.

² É de referir que, recentemente, uma representação de cervídeo masculino foi interpretada como sendo uma *Giraffa camelopardalis*. Apesar disso, a raridade do animal no registo arqueológico da Época Romana aponta mais para um cervídeo macho com um pescoço mais desenvolvido (Rodríguez & *alii*, 2014a, p. 229).

Não é por acaso que muitas das cenas de caça incluem esta espécie de cervídeo, com homens com lança, cães e mesmo leões (Fig. 4).



Fig. 4 – Cena cinegética com animais e figuras antropomorfas nas imediações. Forma Hisp. 37, Mérida.

Entre as espécies selvagens temos em 15% das cerâmicas a presença de coelhos, ou lagomorfos, sendo que em alguns casos não é possível distinguir se se trata de lebre. Na maioria dos casos, o corpo redondo, as orelhas curtas e o rabo curto apontam provavelmente para coelho (Fig. 5). Em alguns casos são representados com o corpo mais alongado, em andamento, e com orelhas mais cumpridas, podendo mesmo tratar-se de lebre. Na verdade, também não é certo que a distinção entre estas duas espécies fosse clara para as pessoas que desenhavam estes animais. A classificação dos animais e definição de espécie só muito recentemente foram clarificadas. Espécies semelhantes e próximas como estas podem ter-se confundido no imaginário do artesão, tendo em conta também que estas já são reproduções de outras reproduções, perdendo-se nesta cadeia o objectivo original.



Fig. 5 – Representações de lagomorfos (coelhos e/ou lebres) presentes em cerâmicas do tipo *terra sigillata hispánica*. Adaptado a partir de desenhos de Mezquíriz (1961) e Mayet (1984).

Em muitos casos também se revelou difícil distinguir o coelho do cão. Por estranho que pareça isso acontece nos casos em o animal aparece a correr, de corpo estendido. É preciso notar alguns pormenores distintivos para perceber qual a espécie, apesar de reconhecidamente diferentes. Nestes casos um carácter distintivo e fácil de observar é a cauda. No cão apresenta-se alongada e por vezes

curvada na ponta, como é típico no cão doméstico, mas curta e arredondada no caso dos lagomorfos.

Por fim outro caso muito interessante é o das imagens de leões, que aparecem frequentemente representados. Esta espécie de grande felídeo aparece invariavelmente representada por uma larga juba em volta da cabeça, o que identifica este animal como um macho de *Panthera Leo*, uma espécie extinta no continente europeu desde o Plistocénico. Sobreviveu, no entanto, na África subsariana onde a pressão humana não destruiu as suas populações.

No Período Romano esta espécie era ainda visível no Norte de África, mas já não existiria no continente europeu salvo alguns exemplares trazidos nomeadamente para Roma para espectáculos nos coliseus (Mackinon, 2006).

As imagens observadas na *terra sigillata* hispânica são claramente desenhadas por pessoas que nunca viram estes animais ao vivo mas que copiam outras imagens destes animais, então quase mitológicos.

Representações de aves

No caso das aves a dificuldade na sua identificação aumenta largamente já que os elementos representados variam muito mais, havendo uma grande diversidade de espécies ornitológicas.

Neste caso foi muito mais difícil atribuir uma espécie em concreto aos desenhos. Na verdade é necessário ter em conta a forte probabilidade de determinadas imagens não representarem com precisão uma espécie em particular. É provável mesmo que muitas das imagens sejam parte de cópias sucessivas sem que os artesãos observassem os animais, podendo variar alguns pormenores na precisão do desenho.

Em geral, as representações de aves distinguem sobretudo as penas das asas e por vezes outros padrões distintivos do pescoço ou peito. O bico, pescoço e forma das patas também oferecem, em muitos casos, critérios distintivos.

Nas imagens é possível identificar um tipo de aves de corpo globoso, com riscas nas asas e pintas no peito o que leva a pensar na sua semelhança com os galiformes selvagens como a perdiz ou codorniz (ver Fig. 6.7). Os galiformes selvagens apresentam padrões muito típicos nas asas. Para além de penas grandes estas têm riscas marcadas. A perdiz vermelha (*Alectoris rufa*) mostra riscas marcadas castanho-escuras, quase verticais, em fundo cinzento claro, muito chamativo portanto, com pintas na região do pescoço e peito cinzento-claro, variando para um castanho-avermelhado na barriga.

Esta é a espécie normalmente comum nas aves caçadas em sítios do Período Romano (e.g., Detry & Arruda, 2013; Davis, 2006). As codornizes (*Coturnix coturnix*) que aparecem ocasionalmente no registo arqueológico, provavelmente afectadas pelo facto de produzirem restos muito pequenos que por isso não são recuperados, são comuns na Península Ibérica e ainda hoje muito apreciadas como recurso alimentar. As imagens nas *sigillatas* apresentam animais com pintas em todo o corpo, bem como riscas marcadas nas asas, o que se assemelha mais às codornizes. É difícil saber a quais das espécies se referem estes desenhos ou se estão globalmente a representar um tipo de ave comum nas planícies Ibéricas, com padrões de penas pardos, frequentes nos hábitos alimentares romanos.

Outro caso interessante é o de várias representações de aves de asas largas, pescoço comprido, com penas das asas bem definidas com riscos, e pontos no peito para definir as penas mais pequenas. Estas aves estão normalmente dispostas de frente e com as asas abertas (Fig. 6.2).

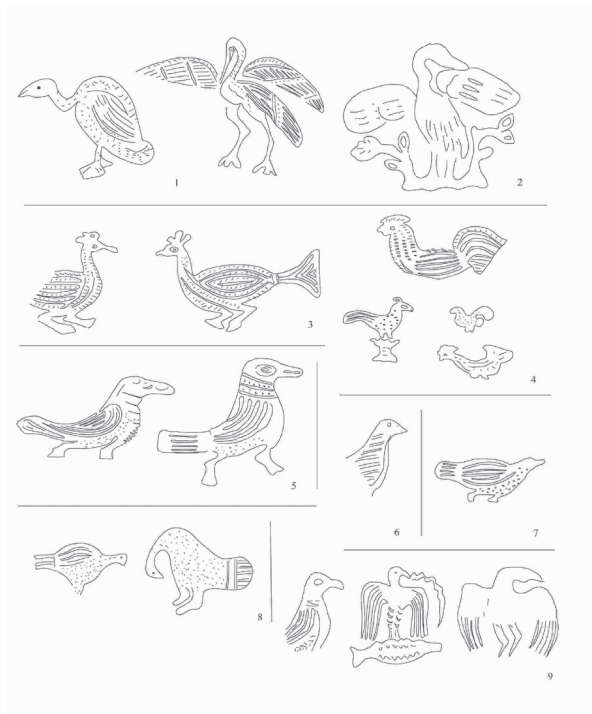


Fig. 6 – Representações de aves presentes em cerâmicas do tipo *terra sigillata* hispânica. Adaptado a partir de desenhos de Mezquíriz (1961) e Mayet (1984).

Por vezes são visíveis as patas em cima de galhos ou com plantas ao lado. Também podem ser vistos de lado, talvez a levantar voo. Esta ave parece pertencer à ordem dos Pelecaniformes. O seu perfil assemelha-se ao pelicano-comum (*Pelecanus onocrotalus*). O bico grande e a postura de asas abertas podem ser observados no pelicano quando seca as asas. Apesar de estar extinto na Península Ibérica, e em grande parte da Europa Ocidental, terá existido no passado, inclusive na Península Ibérica. Foram encontrados restos na Alcáçova de Santarém em níveis do Período Medieval islâmico (Davis, 2006). Em Inglaterra esta espécie é dada como extinta no Período Romano (Davis, 2006). Plínio, o Velho, no seu livro História Natural, também lhe faz referência como sendo insaciável e é possível que ela tivesse algum significado simbólico no Período Romano.

Outra hipótese, que não é de descurar, é a da semelhança destas imagens com o corvo-marinho (*Phalacrocorax carbo*) que, sendo da mesma ordem dos pelicanos, é muito mais comum, existindo ainda hoje nas margens costeiras da Península Ibérica. De facto, esta espécie aparece representada nos restos arqueofaunísticos recuperados em Monte Molião (Lagos, Portugal) no Período Romano (Detry & Arruda, 2013). Do ponto de vista comportamental o corvo-marinho apresenta frequentemente a mesma postura de asas abertas e esticadas.

Aparece também representada uma ave bastante distinta mas muito menos frequente, semelhante a uma garça (eg. *Egretta garzetta*) de patas muito compridas, de asas abertas e largas, pescoço e bico comprido (Fig. 6.1, lado direito).

Outro exemplo é de uma ave com corpo grande, pescoço longo e curvado, provavelmente um abutre-fouveiro (*Gyps fulvus* — Fig. 6.1, lado esquerdo), uma espécie que não só ainda hoje existe na Península Ibérica como os seus ossos foram usados para produzir flautas como as encontradas em Conímbriga (Moreno & Pimenta, 2008). Já as águias, pequenos falcões ou aves de rapina semelhantes parecem ter também alguma presença (Fig. 6.9). O significado das imagens pode ser particular, já que, por

vezes, águias e falcões estão associados a motivos militares.

Por fim, outros elementos de animais selvagens podem reportar-se a pombos ou a gralhas, aves comuns ainda hoje no paleártico (Fig. 6.5 e 6.6).

As aves domésticas também estão representadas com claras presenças de galinha doméstica (*Gallus domesticus*), sobretudo galos, porventura estilisticamente interessantes, com penas mais coloridas e volumosas cristas (Figs. 6.3 e 6.4). Outro galiforme doméstico parece ser a galinha pintada. Na Fig. 6.8, podemos ver um animal globoso, de pescoço relativamente curto e cabeça pequena, com pintas por todo o corpo e asas distinguidas por riscos, tal como se observa na *Numida meleagris*, uma espécie que terá sido introduzida no continente europeu pelos romanos a partir de África (Zeuner, 1963).

Os padrões do peito costumam estar representados com pontos, o que visualmente se assemelha bastante ao que vemos no animal vivo, com variações de cores dando um aspecto pontilhado. As asas apresentam normalmente penas muito grandes e independentes, por vezes em cores mais escuras com fundos brancos.

Conclusão

Uma vez realizado este estudo, e na ausência de análise estatística, pode concluir-se que um dos motivos mais amplamente representados em *sigillata* hispânica são os zoomórficos. Aparecem amplamente representadas as espécies usualmente consumidas na Hispânia romana. Talvez este trabalho fosse mais completo com estudos de paleodietas nas mesmas áreas das oficinas ou em suas imediações, para que se pudesse verificar a coincidência, ou não, dessas representações no meio circundante. No entanto, os estudos a este respeito, nestas regiões, são raros; por isso seria certamente uma linha de trabalho futuro a desenvolver.

Maioritariamente as representações de animais manifestam-se da seguinte forma:

1. Como parte de composições compostas em que o animal é inserido num discurso narrativo mais amplo. Neste caso, eles podem aparecer combinados com representações antropomórficas com os quais geralmente mantêm uma percepção isocefálica, isso é com tamanhos semelhantes, perdendo assim a escala real da cena. E, em outros, casos aparecem cenas rurais em que os animais são os principais actores do registo.
2. Como motivo isolado inserido, ou não dentro de uma mélope.
3. Como adereços complementares de sanefas.

É interessante verificar como as representações são muito esquemáticas e falta atenção aos detalhes, fruto da dimensão do instrumento de desenho ou pelo uso excessivo dos moldes. É também muito interessante a isocefalia, especialmente em relação às representações antropomórficas. Em que a referida isocefalia quebra e se amplia a figura do animal em relação ao homem. Entendemos que a isocefalia actua como recurso iconográfico e vem aprofundar a luta corpo a corpo, sem vantagens sobre os adversários. Quando se rompe, vem a enaltecer a figura, especialmente a antropomórfica.

Quanto ao discurso iconográfico mais comum é o de representações de *venationes*, ou seja, cenas de carácter cinegético, que podem ou não ser carregadas de conteúdo simbólico religioso. As cenas de luta corpo a corpo entre animais também aparecem amplamente representadas. Neste caso, as escalas, ao contrário do que vimos no ponto anterior, são respeitadas.

Foi possível assim observar que este tipo de representações se focava sobretudo em animais selvagens (aves e mamíferos), sendo muito menos as representações de animais domésticos. As espécies selvagens mais comuns nestas imagens são também as mais frequentes no paleoambiente romano da Península Ibérica, nomeadamente casos dos cervídeos e lagomorfos. Existe uma excepção para o caso do leão, que, embora muito frequente nestas cerâmicas, é uma espécie de felídeo que não existiria no continente europeu nesta época, mas claramente possuía uma importância simbólica bastante relevante neste discurso. Este animal também foi relacionado os *munera gladiatoria*, com uma forte ligação à força.

Tendo em conta o estado da questão em que se insere esta categoria de cerâmica não foi possível fazer associações directas entre motivos e oficinas. Na verdade, excepto os *sigilla* de M.S.M. ou C.P.F., de Andújar, que aparecem em combinação com representações de touros (Sotomayor, Roca & Fernández 1999, pl. II, 1–2) ou *Titus Sangerius*, de La Rioja, com a associação a uma ave, não há relações directas entre oficinas e animais.

Além da dificuldade em associar um motivo a um oleiro, também não encontramos motivos que sejam exclusivos de uma forma de cerâmica, o que torna difícil a adscrição de cronologias. As figuras zoomórficas reproduzem-se de modo similar em todas as oficinas, ficando as variantes regionais muito diluídas enquanto decoração.

Em relação às datações, como uma apreciação geral observamos um auge das representações zoomórficas no final do I século d.C. e ao longo do II século d.C. Posteriormente a iconografia torna-se parca, mais sombria, sendo reduzida, quase exclusivamente, à repetição de motivos geométricos.

Acreditamos, que no futuro, além de podermos ampliar os motivos a estudar, permitindo assim a confirmação ou não dos dados quantitativos plasmados, deveremos aprofundar em dois aspectos em que não fomos capazes de nos concentrar devido ao pequeno espaço deste artigo. Em primeiro lugar, referimo-nos aos animais aquáticos. O estudo iconográfico desta categoria biológica foi abordado por uma das signatárias de maneira específica (Bustamante, 2010). Neste sentido, numa comparação com outras partes do Império, a *sigillata* hispânica era a mais precária em iconografia íctica, mostrando um declínio em relação às *sigillatas* itálicas ou gálicas. Neste contexto, a presença destas representações permitiu-nos analisar algum instrumental de pesca do momento, mas também forneceu dados importantes sobre a possível motivação dessas representações. A fauna marinha plasmada por oleiros com nenhum contato com a costa não faz mais que enfatizar a demanda por produtos com representações alóctones para o seu espaço (Bustamante, 2010, p. 297). Da mesma, forma a representação de golfinhos, pelo menos no início do Império, tinham uma relação intensa com a casa júlio-cláudia relacionada de maneira “estratégica” após a vitória de *Naulochoi* liderada por Agripa (Bustamante, 2010, p. 297).

O segundo ponto, pelo contrário, seriam as cenas alusivas a criaturas mitológicas e fantásticas. Neste sentido, apesar de estas figuras estarem intimamente ligadas à cosmogonia e ao mundo da fantasia, algumas representações exibem determinados atributos que são facilmente associados aos animais reais.

Bibliografia citada

- BEAZLEY, John Davidson (1944) – *Potter and painter in Ancient Athens*. London: G. Cumberledge.
- BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena (2010) – Terra sigillata as a source for fishing gear of the Early Imperial Period. In BEKKER-NIELSEN, Tønnes; BERNAL CASASOLA, Dario, eds. – *Ancient nets and fishing gear. Proceedings of the international workshop on “nets and fishing gear in classical antiquity: a first approach”*. Aarhus: Aarhus University Press, pp. 287–298.
- CARDOSO, João Luís (1993) – Restos de grandes mamíferos da ilha do Pessegueiro. Contribuição para o conhecimento da alimentação na época romana. In SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina, eds. – *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da Costa Alentejana. Anexo III*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza, pp. 205–215.
- COLOMINAS BARBERÀ, Lidia (2013) – *Arqueozoología y romanización. Producción, distribución y consumo de animales en el noreste de la Península Ibérica entre los siglos V a. n. e. y V d. n. e.* Oxford: BAR Publishing.
- COLOMINAS BARBERÀ, Lidia (2015) – Morphometric variability of Roman dogs in Hispania Tarraconensis: the case study of the Vila de Madrid necropolis. *International Journal of Osteoarchaeology*. DOI: 10.1002/oa.2507.
- DAVIS, Simon (2005) – *Animal bones from Roman São Pedro, Fronteira, Alentejo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DAVIS, Simon (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DEONNA, Waldemar (1927) – L'ornementation des lampes romaines. *Revue Archéologique*. 26, pp. 233–266.
- DETRY, Cleia; CARDOSO, João Luís; CORREIA, Virgílio (2014) – What did the Romans and Moslems eat in Conimbriga? The animal bones from the 1990's excavations. In DETRY, Cleia; DIAS, Rita, eds. – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: BAR Publishing, pp. 97–110.
- DETRY, Cleia; ARRUDA, Ana Margarida (2013) – A fauna da Idade do Ferro e Época Romana de Monte Molião (Lagos, Algarve): continuidades e rupturas na dieta alimentar. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 215–227.
- DETRY, Cleia; SILVA, Carlos Tavares da (2016) – Estudo zooarqueológico dos restos recuperados no estabelecimento industrial romano do Creiro (Arrábida, Setúbal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 235–248.
- ELVIRA BARBA, Miguel Ángel (1981) – Los dioses romanos en la terra sigillata hispánica. In *La religión romana en Hispania*. Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 61–67.
- FERNÁNDEZ GARCÍA, María Isabel, ed. (2013) – *Una aproximación a Isturgi romana: el complejo alfarero de los villares de Andújar, Jaén, España*. Roma: Quasar.
- FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ, Carlos (2003) – Ganadería, caza y animales de compañía en la Galicia romana: estudio arqueozoológico. *Brigantium*. 15, pp. 1–238.
- GARABITO GÓMEZ, Tomás (1978) – *Los alfares romanos riojanos. Producción y comercialización*. Madrid: Instituto Español de Prehistoria, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- MACKINON, Michael (2006) – Supplying exotic animals for the roman amphitheatre games: new reconstructions combining archaeological, ancient textual, historical and ethnographic data. *Mouseion*. Series III. 6, pp. 1–25.
- MAYET, Françoise (1983) – *Les céramiques sigillées hispaniques: contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: De Boccard.
- MEZQUÍRIZ DE CATALÁN, María Ángeles (1961) – *Terra sigillata hispánica*. Valencia: The William L. Bryant Foundation.
- MORENO GARCÍA, Marta; PIMENTA, Carlos (2008) – Arqueozoología cultural: o aerofone de Conímbriga. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 407–425.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (1992) – *Cerámica romana de Herrera del Pisuerga (Palencia-España)*. *Las lucernas*. Santiago de Chile: Universidad Internacional SEK.
- MORILLO CERDÁN, Ángel (1999) – *Lucernas romanas en la región septentrional de la Península Ibérica*. Montagnac: Monique Mergoïl.

ROCA ROUMENS, Mercedes (1976) – *Sigillata hispánica producida en Andújar (Jaén)*. Jaén: Instituto de Estudios Giennenses.

RODRÍGUEZ LÓPEZ, María Isabel; PRIETO LÓPEZ, Diego; BONACASA SÁEZ, Silvia; DUPRADO OLIVO, Gema (2014a) – Terra sigillata hispánica procedente de la escombrera de la Candamia (León): la representación de los dioses y otros motivos mitológicos. In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, María José, eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*. Porto: Universidade; San Martín de Valdeiglesias (Madrid): Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 235–246.

RODRÍGUEZ LÓPEZ, María Isabel; PRIETO LÓPEZ, Diego; BONACASA SÁEZ, Silvia; DUPRADO OLIVA, Gema (2014b) – Terra sigillata hispánica procedente de la escombrera de la Candamia (León): consideraciones sobre el repertorio iconográfico figurado. In MORAIS, Rui; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Adolfo; SOUSA, María José, eds. – *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*. Porto: Universidade; San Martín de Valdeiglesias (Madrid): Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania (SECAH), pp. 221–233.

SOTOMAYOR MURO, Manuel; ROCA ROUMENS, Mercedes; FERNÁNDEZ GARCÍA, María Isabel (1999) – Centro de producción de Los Villares de Andújar. In ROCA ROUMENS, Mercedes; FERNÁNDEZ GARCÍA, María Isabel, eds. – *Terra sigillata hispánica: centros de fabricación y producciones altoimperiales: homenaje a M^a Ángeles Mezquíriz*. Jaén: Universidad; Málaga: Universidad, pp. 19–59.

VALENZUELA LAMAS, Silvia (2014) – Mammal remains from the Governor's House (Belém Tower, Lisbon) and Rua dos Correiros (Baixa, Lisbon) in the context of fish processing factories in Lusitania. In DETRY, Cleia; DIAS, Rita, eds. – *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: BAR Publishing, pp. 57–68.

VALENZUELA LAMAS, Silvia; FABIÃO, Carlos (2012) – Ciervos, ovejas y vacas: el registro faunístico de Mesas do Castelinho (Almodôvar) entre la Edad del Hierro y Época Romana. In DEUS, Manuela de, ed. – *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste. Almodôvar, 18 a 20 de Novembro de 2010*. Almodôvar: Câmara Municipal, pp. 413–432.

VEGAS MINGUELL, Mercedes (1966) – Motivos decorativos en lucernas de disco romanas: sus antecedentes y paralelos. *Pyrenae*. 2, pp. 81–92.

ZEUNER, Frederick Everard (1963) – *A history of domesticated animals*. New York, NY: Harper & Row.